



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB) PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO
(PROGRAD) INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)**

LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Discente: Luís Miguel Bernardo¹

Docente: Segone Ndangalila Cossa²

**A NATURALIZAÇÃO DO CORPO NEGRO AFRICANO COMO
SEXUALMENTE VIOLENTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE HIPER-
SEXUALIZAÇÃO DO CORPO AFRICANO DIASPÓRICO NA UNILAB.**

RESUMO

O estereótipo de que os corpos negros são inerentemente à violência é uma percepção profundamente arraigada e prejudicial que persistiu ao longo da história. Este artigo investiga o fenómeno da naturalização dos corpos negros como violentos, com ênfase nas masculinidades negras africanas. Objetiva-se, entre outras coisas, complexificar a imagem dos corpos negros (masculinos). Nessa esteira, debruça-se sobre as suas origens da construção estereotipada do corpo negro, explorando as suas consequências e destacando os esforços para desafiar e regenerar a imagem dos corpos negros. Ao examinar o contexto histórico, a representação mediática e a interseccionalidade de raça, género e etnicidade, pretendemos enegrecer o debate sobre o impacto prejudicial que este estereótipo tem nas comunidades negras na UNILAB, principalmente a dos negros africanos. Além disso, discutiremos a importância da empatia e da educação afro-centrada, para quebrar esses estereótipos e avançar para uma integração mais justa, inclusiva e interculturalizada.

Palavras chaves: naturalização; corpo negro; africano; sexualidade; violência.

¹ Graduado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Bacharel em Humanidades, licenciando em Sociologia. Email: luisberna366@gmail.com

² Graduação em Licenciatura em Antropologia; Mestrado em Antropologia Social; Doutorado em Antropologia Social. Email: cossa.segone@unilab.edu.br

ABSTRACT

The notion that black bodies are inherently violent is a deeply ingrained and damaging perception that has persisted throughout history. This article investigates the phenomenon of the naturalization of black bodies as violent, with emphasis on African black masculinities. The objective is, among other things, to complexify the image of black (male) bodies. On this track, it focuses on its origins of the stereotypical construction of the black body, exploring its consequences and highlighting the efforts to challenge and regenerate the image of black bodies. By examining the historical context, the media representation and the intersectionality of race, gender and ethnicity, we intend to deepen the debate on the detrimental impact that this type has on black communities in unilab, especially those of black africans. In addition, we will discuss the importance of empathy and african-centered education to break these types and move towards a more just, inclusive and intercultural integration.

Keywords: Nature; body black; african; violence; sexuality;

1. INTRODUÇÃO: Compreendendo o Estereótipo dos Corpos Negros como Violentos

O objetivo do presente artigo é compreender/analisar a naturalização do corpo negro como sexualmente violento, sob um olhar da hiper- sexualização do corpo africano diaspórico no Maciço de Baturité/UNILAB. Especificamente, iremos investigar se este rótulo simplifica excessivamente a complexidade das masculinidades africanas. Além disso, examinaremos como a comunidade acadêmica Unilabiana vê e trata a sexualidade dos estudantes africanos. Deste modo, questionamos a hipersexualização dos corpos negros dentro e fora dos *campi* da Unilab. Refletimos sobre todo o processo de análise de dados e aprimorar a bibliografia para facilitar a discussão com a comunidade universitária interna e externa. Queremos aumentar a consciência de como os julgamentos precipitados em relação aos corpos negros africanos podem afetar negativamente as suas relações sociais e culturais, resultando em traumas duradouros.

Segundo as Diretrizes Gerais da Unilab, “a universidade tem por objetivo promover avanços na produção e disseminação do conhecimento em atendimento à demanda de formação e de pesquisa de países de expressão em língua portuguesa, em um ambiente de respeito às distintas identidades, ao pluriculturalismo e à cooperação solidária”. (2010, p. 10) Posto isto, é necessário afirmar que a UNILAB se projeta como uma universidade acolhedora, antirracista e decolonial, talvez por isso o meu encanto e dos demais corpos africanos com este projeto pedagógico internacional e inovador. No entanto, durante a nossa estadia e formação, enfrentamos inúmeras discriminações, racismos, xenofobia e outras violências múltiplas atravessadas

A sociabilidade entre estudantes africanos e brasileiros na Unilab e suas adjacências merecem uma leitura sociológica muito cuidadosa, além de se basear em alguns preconceitos e imaginários calcados em visões coloniais e colonizadoras. O corpo preto Africano ainda hoje encontra-se no centro das narrativas de estupro, “naturalizado como o corpo descontrolado e com apetite sexual excessivo.” (Fanon, 1987, p.70).

Conforme afirmei anteriormente, os indivíduos que compõem a UNILAB vêm de diversas origens, cada um com culturas, costumes e comportamentos únicos. Com

base na minha experiência pessoal, com o necessário reconhecimento do contexto histórico, isto também se aplica às nações parceiras.

Tanto na UNILAB quanto em Angola e no Brasil, o estupro é considerado crime com consequências jurídicas. Notavelmente, nestes países, a violação não é categorizada por raça, estatuto social ou qualquer outro grupo demográfico específico. Pesquisas e dados numéricos indicam que as mulheres são mais comumente vítimas de estupro. Em 2018, no Brasil houve um recorde de 180 casos de violência sexual notificados diariamente, resultando num aumento de 4,1% em comparação com o ano anterior. Só o Brasil testemunhou um total de 53.726 casos de estupro. As informações são provenientes do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado recentemente pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

No caso de Angola, segundo jornais locais, são notificados diariamente em média 12 casos de violência sexual contra menores. No entanto, os ativistas argumentam que este número subestima significativamente a verdadeira extensão do problema, especialmente em comunidades onde a denúncia não é comum e prevalecem atitudes conservadoras.

O número de casos de abusos sexuais e violação a mulheres menores e adolescente têm estado a tomar proporções preocupantes. As autoridades políticas, judiciais e as forças da ordem pública desdobram-se para controlar a situação com ações que desestimulem a prática de crimes desta natureza. Surgem cada vez mais, novos casos exigindo a tomada de medidas preventivas e punitivas, porque o abuso ocorre em grande número no seio familiar. Segundo relatório a linha de Receção de Denúncia de Violência, entre o mês de Junho e Agosto de 2020, recebeu 575 denúncias de abuso sexual. (MANUEL, 2020p.147)

A comparação que estabeleço entre Brasil e Angola serve apenas para realçar a triste realidade de que as mulheres em ambos os países são as principais vítimas de violação, conforme confirmado por dados estatísticos e pesquisas. É também evidente que em ambas as sociedades a violação não é apenas um crime, mas é também socialmente condenada. Contudo, a questão permanece: por que é que o corpo negro africano é tão frequentemente associado à violência e à agressão, e por que é que esta noção é aceite como natural?

O ímpeto por detrás do presente artigo deriva do desejo de fornecer uma plataforma para os indivíduos africanos expressarem os pensamentos e ansiedades que alimentaram durante anos em relação às alegações de violação da UNILAB. Estas acusações infligem traumas profundos e deixam cicatrizes profundas nos corpos de indivíduos negros que foram sujeitos a linchamentos públicos sem a oportunidade de apresentar as suas próprias perspectivas. Estas imagens são então amplamente divulgadas nas redes sociais, agravando os danos causados.

Como homem negro africano acusado de violação, tomei a decisão de me envolver neste artigo. Através das minhas próprias experiências vividas, percebi que os homens negros e africanos ainda são alvos de uma sociedade que é visivelmente racista. O legado da escravidão negra no Brasil deixou um impacto profundo na sociedade contemporânea.

Apesar de já não ser negado aos negros o direito de serem livres, o período pós-abolição foi marcado pela ambiguidade, resultando na negação de condições de vida dignas. Isto leva muitas vezes à perpetuação de um sistema semelhante à escravatura, que ainda persiste nos tempos modernos através de práticas racistas implícitas e explícitas. (NUNES, 2006, p.2)

Quando escolhi a UNILAB, acreditei que não viveria esses episódios de violência, não com essa intensidade e magnitude, por achar que esses resquícios da colonialidade não se faziam presentes em um espaço de ensino superior decolonial. Mas era apenas mais um logro meu e de muitos outros corpos negros. Sobre a ilusão de ser igual, Fanon (2012) lembra-nos que: O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a realidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas. Ele começa então a verdadeira aprendizagem.

E a realidade se revela extremamente resistente, mas alguém poderá pretender que descrevo um fenómeno universal, - Fanon, (2012) o critério da virilidade sendo justamente a adaptação ao social. Responderemos então que esta crítica é inadequada, pois mostramos justamente que para o preto há um mito a ser enfrentado. Um mito solidamente enraizado. O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina.

O linchamento público universitário e nas redes sociais mostra de forma nua e cruel que o corpo negro é o fácil de se acusar e julgar, até porque no cerne do

imaginário social brasileiro ainda reside a ideia segundo a qual ‘os africanos são selvagens e agressivos’.

Conrado (2017) elabora um colóquio entre Bell Hooks e Connell na qual reitera que “o impacto do colonialismo na construção da masculinidade entre o colonizado é um capítulo ainda pouco documentado” (CONNELL, 1998, p. 13). Ao fugir de generalizações históricas do discurso colonial, observamos que há a recorrência do privilégio das experiências dos homens brancos em contextos coloniais em nome da manutenção da hegemonia racial.

“Bell Hooks registra que virilidade, hipermasculinidade, truculência, heterossexualização e o Anti-intelectualismo obscurantista completam um modelo de homem negro agressivo, materialista e incapaz que é divulgado na sociedade em geral” (Hooks, 2004). Essa socialização divulga entre homens negros o arquétipo do Guetto Gangsta-boy, definido como um requisito indispensável para se obter autenticidade racial: para ser visto como negro legítimo, é necessário ser truculento e agressivo, dispensar o trabalho intelectual e minimizar a importância da educação escolar” (CONRADO, 2017).

Desta forma percebo que este projeto é inovador, pois além de não ser tratado do assunto na academia, se propõe a trazer um olhar mais sensível a todos os africanos, sendo eles alunos ou professores, mas principalmente aos discentes, pois é perceptível por nós africanos, que apesar da ‘integração’ afirmada pela universidade, ainda sentimos a distância entre raças e nacionalidades que o colonialismo causou.

2. Corpos Negros na história

Para discutir a hipersexualização dos homens negros, precisamos retornar ao passado e ao espaço, pois o processo de escrita é tanto subjetivo quanto real, "por isso começo a elaborar este projeto lembrando do passado a fim de entender o presente, e criar um diálogo constantemente entre ambos" (KILOMBA, 2019). Além disso, é essencial compreender a masculinidade em sua totalidade.

A masculinidade é principalmente um meio de entender as expressões corporais dos sujeitos, um crivo que permite organizar os corpos a partir do significante "homem", agrupando homens "de verdade", homens negros, homens gays e homens trans. Além

disso, é também um campo de disputa, um local onde os discursos se confrontam, avançam, retrocedem e permanecem inalterados,

(...) masculinidade é, antes de tudo, um mecanismo de inteligibilidade das expressões corporais dos sujeitos, um crivo que permite organizar os corpos a partir do significante “homem”, agrupando homens “de verdade”, homens negros, homens gays, homens trans, sendo igualmente um campo de disputa, uma arena onde os discursos se enfrentam, avançam, retrocedem, perpetuam-se, morrem e são ressuscitados de acordo tanto com sua lógica interna quanto com sua interrelação com outras discussões, com outras instituições. (BARBARINI, 2018, p.222).

A transformação das identidades masculinas africanas foi resultado de intervenções significativas, onde as suas narrativas foram reconstruídas para se alinharem com as dos colonizadores brancos. Estudos acadêmicos nas áreas de antropologia e ciências sociais descrevem essas masculinidades como estando em constante estado de fluxo, evoluindo em resposta a mudanças nos contextos sociais, culturais, históricos e geográficos.

Contudo, é importante reconhecer que nomear é um ato de poder e, historicamente falando, é o sujeito ocidental que tem autoridade para nomear outros. Como observa Spivak (2010), os regimes de autorização e legitimação do discurso resultaram na desclassificação e deslegitimação da voz do homem negro.

No contexto das sociedades colonizadas situadas na periferia dos impérios coloniais, o ato de submissão ao colonialismo resultou na subjugação imediata dos homens negros africanos à autoridade colonial branca. Este ato também estabeleceu uma hierarquia, no mínimo, baseada no poder militar superior das nações europeias. De todo modo, por força da expansão colonial europeia, as identidades masculinas locais sofreram interferências radicais e se reconstituíram relativizadas diante do colonizador. (LUGARINHO, 2017, p.142)

No período da pré-colonização do continente africano, a sociedade constatou que era de vital importância o papel de liderança e autonomia das mulheres. Neste período, a despeito do que a literatura antropológica aponta (COSSA, 2014), é possível falar de matriarcado (IFI-AMDIUME, 1997). Sob a intervenção dos colonos brancos, algumas instituições africanas que empoderavam e centravam o poder comunitário nas mulheres, foram combatidas e ostracizadas (Geffray, 2000).

A interpretação das masculinidades africanas não responsabiliza a empresa colonial por suas ações. Portanto, é necessário distinguir as identidades africanas tradicionais, híbridas, indóceis (Mbembe, 2013) e insubmissas das identidades africanas estabelecidas ou forjadas pela colonialidade. Mais crucial do que isso é questioná-los e examinar as tradições africanas que continuam a desempenhar um papel importante na construção das masculinidades negras.

2.1 A Prevalência e Persistência do Estereótipo

Pelas leituras que fiz, mesmo nessas, existem sacões em relação ao abuso sexual, pois, “o abuso sexual é considerado fenômeno universal e transversal a todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas” (Drezett, Caballero, Juliano, Prieto, Marques & Fernandes, 2001)

(...) homens negros sem privilégios de classe sempre têm sido os alvos da deseducação. Eles foram e são ensinados que o “pensar” não é um trabalho valioso, que o “pensar” não os ajudará a sobreviver. Tragicamente, muitos homens negros não têm resistido a esta socialização. Não é um mero acidente que homens negros com intelectual brilhante acabaram presos, mesmo quando garotos, por serem considerados ameaçadores, maus e perigosos. (HOOKS, 2015, p.679).

Ao longo do tempo, o Estado persistiu em perpetuar o genocídio de certos grupos e utilizou a aplicação da lei como meio de supervisionar e executar esta brutalidade. Juliana Borges, em seu artigo “Necropolítica na Metrópole: Erradicação de Corpos, Especulação de Territórios”, publicado no blog Boitempo em 2016, emprega o termo “necropolítica” cunhado pelo sociólogo Achille Mbembe, que explica:

A autoridade para determinar quem vive e quem morre é um poder formidável. Envolve um processo de tomada de decisão que retira aos indivíduos a sua identidade política, reduzindo-os a meros seres biológicos. Esta desumanização abre a porta a uma ampla gama de ações desumanas e arbitrarias.

O sociólogo encontra racionalidade no ato aparentemente irracional de extermínio. Isto é conseguido através do uso de técnicas específicas e de aparatos meticulosamente planejados para executar uma política de desaparecimento e morte. Em essência, não há intenção de controlar determinados órgãos pertencentes a grupos sociais específicos dentro desta lógica sistêmica. O ciclo de exploração e estabelecimento de relações neoliberais exige o extermínio de grupos considerados

inadequados para o sistema, começando pela exclusão e culminando no extermínio (BORGES, 2017).

A sociedade continua a justificar estes atos normalizando-os, sob a crença de que os homens negros são propensos ao assédio, à violação e à atividade criminosa. É importante notar que em vários países africanos, estes atos foram motivados pelo estatuto socioeconómico e não pela cor da pele. No Brasil a classe social do indivíduo também é levada em conta, mas o tom de pele tem mais relevância visto que o racismo está enraizado no país e compõem a estrutura das principais esferas sociais: saúde, educação e segurança, economia, política.

Este mundo não quer que o homem negro pense e questione (KILOMBA, 2019), pois isso é uma ameaça para a branquidade e seu propósito é manter o povo negro no obscurantismo, com escassez de oportunidades e que tenham um único fim, a criminalidade, a prostituição, trabalhos domésticos ou que permaneçam em situação de pobreza extrema.

2.2 Efeitos Sociais: explorando as consequências da naturalização dos corpos negros como violentos

O sistema educacional criado para os negros foi propositadamente concebido para garantir o seu insucesso. Portanto, quando os indivíduos negros não se conformam às normas académicas, são muitas vezes injustamente rotulados como pouco inteligentes. Esta culpa é equivocada, pois estes indivíduos são, na verdade, vítimas de um sistema educacional falho que se contenta com os fracassos dos homens negros.

O relatório Infopen (2016) revela que a maior parte da população carcerária brasileira é composta por jovens negros e com baixa escolaridade. Isso indica que o sistema penal brasileiro tem como alvo um grupo demográfico específico: 55% dos presos são jovens de até 29 anos, enquanto 64% são negros e 80% não concluíram o ensino médio.

Muitas vezes, em contextos educacionais predominantemente brancos, homens negros assumem o papel de menestrel do gueto como um modo de se proteger da raiva racializadas e branca. Eles querem parecer inofensivos, não ameaçadores, e, para fazê-lo, precisam entreter as pessoas ignorantes, deixando-as saber que “Eu não acho

que sou igual a você. Eu sei o meu lugar. Mesmo que eu seja educado, sei que você pensa que eu ainda sou um animal no coração. (HOOKS, 2015, p, 675)

As estruturas das instituições de justiça são regidas pelo racismo, facilitando o encarceramento de indivíduos negros. Na verdade, é mais vantajoso para eles ter mais pessoas negras na periferia da sociedade, pois isso lhes proporciona os meios para matá-los ou aprisioná-los. Isto é evidente no Brasil, onde dados estatísticos ilustram o papel da cor da epiderme como critério para o encarceramento em massa de pessoas negras. Especificamente, a pesquisa revela que 64% da população carcerária é composta por negros, apesar de esse grupo representar apenas 53% da população brasileira. Ou seja, dois em cada três presos no Brasil são negros.

Os indivíduos negros não foram apenas animalizados e objetificados, mas também tratados como objetos e mercadorias de alto valor no comércio transatlântico de escravos. Os cientistas ao estudarem a cultura, a biologia, a anatomia e inclusive as práticas eróticas e sexuais, associaram tais práticas a animalidade, zoomorficando os corpos dos homens negros africanos que eram apenas observados como meros objetos de estudos. Enxergam-nos apenas como experimentos laboratoriais, sendo o continente africano a fonte de enriquecimento rápido da Europa, América e Ásia. Nas inter-relações esses estereótipos e violências ainda perduram sobre os corpos pretos. Trazendo à tona a fragilidade na instituição (UNILAB) que se mostra como decolonial e continuam reproduzindo características da época escravocrata, de designar o preto como agressor e com instintos incontroláveis.

No ensaio “Escolando Homens Negros” (2015), Bell Hooks relata as experiências de homens negros durante o processo de escolarização e socialização. Através dos seus relatos sobre a infância, a juventude e o sistema educativo, Hooks destaca o impacto deste processo segregacionista na perpetuação de estereótipos e imagens negativas das pessoas negras.

Estas imagens continuam a moldar as relações entre africanos e nativos dentro da instituição UNILAB, em oposição direta aos princípios orientadores da universidade. Na sociedade, o corpo negro masculino é relegado a um espaço cultural, visto apenas como uma entidade física e não como um indivíduo pensante.

Como resultado, a sociedade branca procura confinar os homens negros a papéis que têm sido historicamente subjugados e opressivos. Deste modo, percebe-se que os ideais estão muito distantes da realidade enfrentada pelos homens pretos africanos.

O corpo masculino negro tem um (Hooks, 2015) espaço cultural, então ser um homem negro nesta sociedade significa que você é percebido como um corpo, e não como um cérebro, pois são vistos como seres desprovidos de intelectualidade, portanto a sociedade branca apenas quer ver esses corpos ocupando funções que historicamente falando eram espaços subjugados e de opressão.

E como antigamente acreditava-se e ainda hoje há resquícios no imaginário social de que a força física e a resistência são os únicos instrumentos que os homens negros necessitam para a execução de trabalho e para ser um suposto parceiro sexual, e sempre disposto para proporcionar prazer.

De acordo com Paulo Barros e Georges Bataille:

Para o sistema estratificante, há duas razões para se usar essa associação ideológica do homem negro ao estuprador: a de subjugar economicamente uma classe emergente, e a de criar um medo nos brancos que sustenta sua fantasia. E por que um medo haveria de ser prazeroso? Bataille deriva de Freud uma noção importante que relaciona medo e desejo: “O interdito observado fora do medo não tem mais a contrapartida de desejo que é o seu sentido profundo” (Bataille, 1987). A manutenção de uma identidade sexual ameaçada é um dos pilares da teoria de Stoller sobre a perversão. A montagem da cena perversa leva em consideração, para além da negação da castração, também a manutenção de uma ameaça que proporcione a sensação de risco ao ritual, para combater uma falta de excitação natural à estereotipia característica da cena. Um ponto muito importante na teoria de Stoller é que toda pornografia seria uma “pequena perversão” (BARROS, 2018, p.311)

Entretanto, a necessidade de desvincular a leitura rasa acerca das masculinidades negras africanas é tanto quanto importante para que tenhamos um diálogo com direito ao contraditório e que as vozes dos homens pretos não sejam silenciadas.

Ao longo da história, a representação dos homens negros como potenciais violadores tem sido associada ao empreendimento colonial. Esta narrativa de agressão, falta de intelecto e falta de empatia para com os corpos femininos ainda é mantida hoje como forma de justificar a exclusão dos homens negros de esferas sociais importantes, incluindo a economia, a política e a cultura.

No que diz respeito à empresa colonial e à sua capacidade de desumanizar os corpos periféricos, Mondragón (2012, p.18) sublinha que a conquista de outros indivíduos é o ato mais flagrante. Tratar outro ser humano como um mero objeto para uso pessoal é a forma máxima de desumanidade. O "Outro" histórico inclui nativos americanos, aborígenes australianos, africanos e afro-asiáticos.

Fazendo referência a vários autores que se concentram no impacto do colonialismo sobre os indivíduos negros e ao partilhar a minha narrativa pessoal, cheguei à conclusão de que é incrivelmente fácil sufocar e minar os corpos negros. Em relação a este caso específico, nosso objetivo é realizar pesquisas com estudantes sobre este tema. No entanto, já conduzimos cinco entrevistas com estudantes da Unilab – compostos por brasileiros, angolanos e guineenses – para obter uma visão sobre a naturalização da violência contra corpos africanos.

3. Questionando às Masculinidades Negras “Africanas”

IDADE: Brasileiro

NACIONALIDADE: 26

Qual sua visão sobre a naturalização dos corpos africanos como violentos?

O entrevistado 1, brasileiro, evidencia:

“Ok, referente a pergunta é, na maioria das vezes na Unilab quando acontece supostos casos de estupro o modo como a comunidade estudantil e não só, reage ao assunto é de uma forma lamentável, ok, primeiramente estudantes, movimentos, comunidade externa e demais pessoas, é, não aguardam pelo julgamento e começam a, é, trazer juízo de valores e começam a acusar o indivíduo e quando é africano é mais triste ainda pelo fato por exemplo de generalizar ‘os africanos são estupradores’, sabemos que na Unilab existem estudantes africanos mas de vários países, ok, quando dizes ‘ah o africano é estuprador’ traz um sentido pejorativo, preconceituoso sobre essa questão diz que todos são dessa forma mas não só, quanto a essa temática de estupro quando acontece, é, as redes sociais é o tribunal de justiça em que estudantes pegam as fotografias e expõe a fotografia ‘esse é estuprador’ utiliza o termo estuprador como forma de já definir que aquela pessoa fez o estupro, ok, mas por de trás de tudo isso existe uma questão na unilab que é a hipersexualização dos corpos negros africanos é algo que não é discutido mas, é, hipersualizar o corpo não significa que você não deve

elogiar, elogiar uma pessoa que tiver um bom físico ótimo muito bem não é isso pode sim, mas no contexto da Unilab pessoas existem pessoas que hipersexualizam os corpos negros africanos, é, e utilizam isso apenas como por exemplo um fantoche como um fantoche, como fantasia sexual, sim, são utilizados como objetos de desejo sexual, algumas pessoas quando vêem um africano 'nossa' bonito, não sei o que, só vai ter com ele pelo fato por exemplo de interesses sexuais e afetivos ou seja aí tem essa questão da hipersexualização, ok, que a não é um objeto que eu tenho que usar e na maioria das vezes quando o desejo não é acatado aquela pessoa ela é acusado de estupro de violento e bruto, ou seja, o desejo na maioria das não é aceito e acaba utilizando da forma do vitimismo como forma de subsair e acaba acusando o estudante de estupro de violento e isso traz uma imagem negativa para a comunidade para as comunidades dos estudantes africanos e africanas que estão na Unilab.

IDADE: 23

NACIONALIDADE: Brasileira

O entrevistado 2, brasileira, evidencia:

“Bom, em quase 4 anos estando na Unilab, percebi e também presenciei que os estudantes africanos estão constantemente nas falas não só de outros estudantes, mas também dos moradores das cidades de Redenção e Acarape, e em sua maioria são falas negativas e depreciativas, principalmente quando se trata de assédio e estupro. Já tive o conhecimento de vários casos onde antes mesmo de ser realizado algum tipo de procedimento de denúncia, os próprios estudantes brasileiros expuseram de forma errada aquele estudante, usando sua imagem e o condenando antes mesmo dele poder falar. Casos como assédio que não ocorreram, falsas acusações de estupro, estudante dito como agressivo sendo então a pessoa brasileira que o provocou e inferiu palavras baixas, se tornaram comuns no nosso cotidiano na universidade, infelizmente ninguém se coloca por eles, e quando se coloca é taxado como igual. As pessoas não pensam no quanto é difícil você sair do seu país, do seu continente para vir para um lugar estranho, onde o racismo impera, e além disso ainda há a hiper sexualização, quando essas pessoas só veem os corpos africanos como detentores de prazeres sexuais e apenas isso. Não é levado em conta sua inteligência, suas experiências, como é feito com estudantes brasileiros.”

IDADE: 24

NACIONALIDADE: Angolano

Entrevistado 3, angolano, evidencia:

“A centralização de corpos africanos nas narrativas de estupros na UNILAB, decorre de diversas perspectivas de Análise, a primeira advém de uma hipersualização destes corpos que vai cair no imaginário de muitos como aquele que tem o "pênis enorme", o "quente", o "bom de cama" e que vai ser induzido a certos atos que mais tarde vão se configurar como estupro. Para além de toda questão inerente a ideia que o africano tem sobre o outro quando chega na UNILAB (é importante trazer isto). A segunda advém de uma generalização e estereótipo criado sobre o africano, devido a um ou outro caso de estupro, levando a animalização e selvageria do mesmo. Ou seja, como ele é africano então é estuproador. Negando - se o direito de resposta para se analisar as situações. Mas preciso deixar explícito que não estou a tentar deslegitimar as vítimas de estupro, reconheço que tem sim africanos que praticaram estupro e outras coisas nada boas por aí, mas questiono constância de relatos com o mesmo sujeito no centro”.

IDADE: 25

NACIONALIDADE: Guineense

Entrevistado 3, guineense, evidencia:

Bem, por se tratar de uma pergunta complexa, deve se ter uma cautela para se responder, são muitos fatores que levam o imaginário social ver o homem preto africano como violento, passível de cometer qualquer tipo de atrocidade, isso teve a sua grande influência desde a época colonial, onde os nossos corpos já eram vistos como muitos adjetivos depreciativos, desde, erótico (prostituição), serventes, e trabalhos domésticos, bem como também bandidos, marginais, assim esses corpos historicamente sempre foram vistos e postos em situação de subjugação. O racismo sistemático evidencia essas questões diariamente, então há sim uma necessidade de uma discussão concernente deste assunto.

IDADE: 20

NACIONALIDADE: Brasileira

O entrevistado 2, brasileira, evidencia:

Olha... é verdade que ninguém pode ser associado a qualquer tipo de crime ou violência só por causa da sua cor de pele, mas as notícias sempre mostram que são pretos que mais matam, que roubam que estavam sempre associados a algum crime, então é “normal” que as pessoas sintam medo e vejam eles como violentos, muito por culpa do que nós vemos. A mídia molda as nossas opiniões e visões

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

De acordo com a análise de Moore (2021), os homens negros apresentam padrões comportamentais tóxicos, como agressão, crenças patriarcais e dominação, e um tipo de masculinidade que é considerada hegemônica. Collins (2005) caracteriza de forma semelhante os homens negros como tendo uma propensão para a criminalidade e a hipersexualidade, o que por sua vez contribui para as suas tendências violentas. Além disso, Hooks (2004) postula que os homens negros são vistos como ameaçadores devido à sua busca de poder social e político, o que muitas vezes reforça a masculinidade patriarcal e tóxica.

O ato de colonização deu origem a uma imagem de África e do seu povo que estava impregnada de estereótipos nocivos e amplamente divulgada em todo o mundo. Em seus escritos, Silvio Almeida (2018), autor brasileiro de ascendência africana, chama a atenção para a difusão do racismo estrutural em todo o Brasil. Isto torna evidente que os negros brasileiros continuam a sofrer as consequências do passado colonial do país. Ao examinar as experiências dos negros africanos que vieram para o Brasil, podemos ver como eles carregaram o fardo de duas formas de discriminação que se cruzam: a da cor da pele e a da origem geográfica.

A percepção dos homens negros como sendo excessivamente masculinos, violentos e predispostos à atividade criminosa deve-se, em parte, a estereótipos e narrativas negativas sobre eles. Esses estereótipos e narrativas não se limitam a nenhuma região ou nação em particular, pois estão presentes tanto nos Estados Unidos quanto na África do Sul, e o Brasil não foge a esse padrão.

5. CONSIDERAÇÃO FINAIS: Contra-narrativas e resistência: destacando os esforços para desafiar e recuperar os corpos negros

O racismo sistêmico e os preconceitos históricos que persistem na sociedade levaram à percepção errada dos corpos negros como inerentemente violentos. Essa percepção foi perpetuada por vários meios, como mídia, literatura e preconceitos sociais. Estes estereótipos negativos têm sido utilizados para justificar práticas discriminatórias e para fortalecer estruturas de poder opressivas. O resultado disto é a perpetuação de estereótipos raciais negativos que infligem danos ao bem-estar mental e emocional dos indivíduos negros, levando à discriminação, ao excesso de policiamento e a um tratamento injusto no sistema de justiça criminal. Esses fatores servem como obstáculos ao seu sucesso e progresso.

Para quebrar os estereótipos relacionados aos corpos negros, é essencial envolver-se em diálogos e conversas abertas. Isto pode ser alcançado através de discussões respeitadas, ouvindo ativamente as experiências vividas pelos indivíduos e buscando diversas perspectivas. Ao fazer isso, podemos dissipar conceitos errados e desafiar preconceitos. Incentivar a empatia e a compreensão é crucial para criar uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.

Para alcançar equidade e justiça genuínas, é essencial desconstruir a naturalização da violência associada aos corpos negros. Isto requer compreender as origens históricas deste estereótipo, contestar as representações midiáticas e reconhecer a interligação de raça, gênero e classe. Ao promover a empatia, a educação e os esforços de grupo, possuímos a capacidade de transformar esta narrativa, promover a compreensão e lutar por uma sociedade que celebre a diversidade e a humanidade de todas as pessoas.

Só desafiando e dismantando estes estereótipos poderemos progredir no sentido de uma sociedade mais imparcial e abrangente para todos. Para desafiar a ideia de que a violência está inerentemente ligada ao corpo negro, é essencial incentivar a empatia e a compreensão entre as pessoas. A educação é um elemento crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma sociedade mais inclusiva.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018 Tese de Doutorado.** [sn].

AMADIUME, Ifi. **Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture.** Londres: **InterlinkPublishingGroup**, 1997.

BARBARINI, Neuzi; MARTINS, Daniel Fauth Washington. **Masculinidade como instituição: uma análise conceitual do “ser homem”** no Brasil. *Psicologia Argumento*, v. 36, n. 92, p. 216-236, 2019. BARROS, Paulo Esber;

BARRETO, Robenilson Moura. **Corpo negro e pornografia. Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 12, n. 19, 2018.

BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte (MG), letramento, justificando, 2018.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. **“Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo”? Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencas ao campo.** *Revista de @ntropologia da UFSCar*, 8 (1), p.41-52, jan./jun. 2016. CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. **Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate.** *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, p. 73-97, 2017.

COSSA, Segone Ndangalila. **Corpos Ubíquos: um estudo etnográfico sobre a construção social dos corpos em Moçambique.** 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe: Estupro, Racismo e o Mito do Negro Estuprador.** Boitempo Editorial, 2016. de Sandra ReginaGoulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: **Editora da UFMG**, 2010. DOS SANTOS, Daniel. **Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica.** *Universitas Humanas*, v. 11, n. 1, 2014. DREZETT, Jefferson et al. **Estudo de mecanismos e fatores relacionados com o abuso sexual em crianças e adolescentes do sexo feminino.** *Jornal de Pediatria*, v. 77, n. 5, p. 413-419, 2001.

FRANTZ, Fanon. **"Pele negra, máscaras brancas."** 2012.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

GEFFRAY, Cristian. **Nem pai nem mãe: crítica do parentesco: o caso macua . Ndjira**, 2000.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-209, 2006 HOOKS, Bell. Escolarizando homens negros. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 3, p. 677-689, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

LUGARINHO, Mário César. **Paradigmas confrontados: algumas masculinidades nas literaturas africanas de língua portuguesa**. *Metamorfoses-Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros*, v. 14, n. 1, p. 141-151, 2017. Manuel E., Azeredo Z. (2020) Abuso sexual de crianças em Angola: cultura e punição, *Journal of Aging & Innovation*, 9 (3): 146- 163 2020

MANUEL, Ernestina Bonguela Candele; AZEREDO, Zaida. **Abuso sexual de crianças em Angola: cultura e punição**. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. MARCONI, Marina, 1990.

Michael; SPIVAK, Marla. **Propolis and bee health: the natural history and significance of resin use by honey bees**. *Apidologie*, v. 41, n. 3, p. 295-311, 2010.

MONDRAGÓN, Héctor. **Greve de massas e Nacionalização da Terra**. 2012 NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita**. *Psicologia USP*, v. 17, n. 1, p. 89-98, 2006. Pimenta, M. E. (2016).

MOORE, Jason W. **Por uma teoria econômica além do antropocentrismo**. Entrevista entrevista a Kamil Ahsn, na ViewPoint Magazine. Tradução: Eleutério Prado, site Outras Palavras, 2021.

R, Oluwayomi. (2022). **O medo dos homens negros? Uma cartografia fanoniana da misandria anti-negra como patologia psicosssexual**. *Jornal de sexualidade e relacionamentos negros*, doi: 10.1353/bsr.2022.0005

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**Tradução

Sroufe, LA, Egeland, BYRON, Carlson, ELIZABETH, Collins, WA, Grossmann, KE, Grossmann, K., & Waters, E. (2005). **Colocando experiências iniciais de apego no contexto de desenvolvimento. Apego desde a infância até a idade adulta: Os principais estudos longitudinais**, 48-70.

Angola: Casos de violência sexual contra menores são superiores aos dados oficiais, dizem **ativistas**

<https://www.voaportugues.com/a/angola-casos-de-viol%C3%Aancia-sexual-contra-menores-s%C3%A3o-superiores-aos-dados-oficiais-dizem-ativistas/5990892.html>

(Acessado: 20 de Novembro de 2023)